

Caminhos Históricos e Estratégicos de Penetração e Povoamento do Vale do Alto e Médio Rio Paraíba do Sul¹

Cláudio Moreira Bento*

Reprodução de contribuição do autor ao *XVI Simpósio de História do Vale do Paraíba* (4 a 6 de setembro de 1998 — Campos do Jordão, SP), o artigo expressa sua homenagem ao sesquicentenário da elevação de Resende a cidade (13 de julho de 1848).

A descoberta do ouro em Minas Gerais (1681-1695) e, a seguir, em Cuiabá e Goiás (1681-1725) determinaram a abertura de caminhos para transportá-lo, em segurança, para o Rio de Janeiro.

Tal esforço para o estabelecimento de caminhos através do vale do Alto e Médio Paraíba, ou através do próprio rio, constituiu

fator de progressivo devassamento, povoamento, incorporação e integração dessa região ao restante do Brasil-Colônia.²

Entre esses caminhos estratégicos e históricos, focalizaremos os abaixo numerados, para facilidade didática e como referência a serviço da síntese. Outros caminhos estratégicos além desses foram focalizados por Capistrano de Abreu em *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil* (Rio de Janeiro, Editora Briguiet, 1960).

• *Caminho 1* — São Paulo-Lorena (ex-Vila da Piedade), de acesso às minas descobertas pelos paulistas em Minas Gerais. É balizado

pelos atuais localidades de Mogi das Cruzes, Jacareí, São José dos Campos, Caçapava, Pindamonhangaba, Taubaté (base de partida das bandeiras), Aparecida, Guarará, Lorena, Garganta do Embaú, na Mantiqueira, e sul de Minas.

• *Caminho 2* — *Primitivo Caminho dos Índios Guarás* ou *Caminho Velho*. Caminho anfíbio (terra-mar-terra) ligando o Rio de Janeiro com as minas de ouro de Minas Gerais, e assim balizado: Rio de Janeiro, Santa Cruz, Sepetiba (por terra), ilhas da baía de Angra dos Reis, Parati (por água), Vila Facão (atual Cunha), Guaratinguetá (porto Paicaré), Lorena, Garganta do

* Coronel de Engenharia e Estado-Maior. Sócio Benemérito do IGHMB.

¹ Selecionado pelo PADECEME.

² A oeste, com Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais; ao sul, através de S. Paulo, pelo *tropeirismo de mulas*; ao nordeste, através da Bahia, ao longo do S. Francisco — o *rio dos currais* e, mais tarde, o rio da integração nacional.

Embaú (na Mantiqueira, entre Piquete e Cruzeiro atuais e sul de Minas).³

• *Caminho 3 — Caminho Novo* ou de *Garcia Rodrigues* (filho do bandeirante Fernão Dias Pais, o devassador e fundador de Minas Gerais). Inicialmente balizado pelo Rio de Janeiro, travessia da Serra dos Órgãos, Rio Paraíba do Sul, foz do Paraibuna, subida do Paraibuna, transposição da Mantiqueira (atual Barbacena, bifurcação de caminhos demandando os vales auríferos dos rios das Mortes e das Velhas).⁴

• *Caminho 4 — Caminho Novo* ou *Caminho Vila da Piedade* (Lorena atual), *Fazenda Santa Cruz — Rio de Janeiro*. Caminho também chamado de *Via Cezearea* (em São José do Barreiro), é balizado por Lorena, Silveira, São José do Barreiro, Bananal, Serra das Araras, São João Marcos (Vila do Príncipe, hoje

inundada pela represa no Ribeirão das Lages), Sero pédica, Santa Cruz, Rio de Janeiro.

Esses caminhos evoluíram para as atuais vias de transportes, retificadas e melhoradas ao longo de mais de um século. Os caminhos 1 e 4 resultaram na moderna rodovia Presidente Dutra, ligando o Rio de Janeiro a São Paulo, a mais importante do Brasil, hoje explorada pela Nova Dutra. O Caminho 3 resultou na atual BR-3, ligando o Rio de Janeiro a Belo Horizonte. O Caminho 2, primitivo *Caminho dos Guanás*, perdeu sua expressão em face do desenvolvimento tecnológico, sendo substituído, hoje, pela rodovia turística São José dos Campos—Porto de São Sebastião. Até hoje, o acesso Parati—Cunha ainda é muito difícil. Ele foi usado, em 1932, por fuzileiros navais, no combate à Revolução de 32. O primitivo Caminho Novo que uniu Rio de Janeiro a São Paulo por terra, de 1785 a 1873, e que teve dias gloriosos com o café plantado ao longo dele, entrou em decadência com a ligação ferroviária Rio de Janeiro—São Paulo, nos anos 70 do século passado. Nos anos 20 deste século, com o

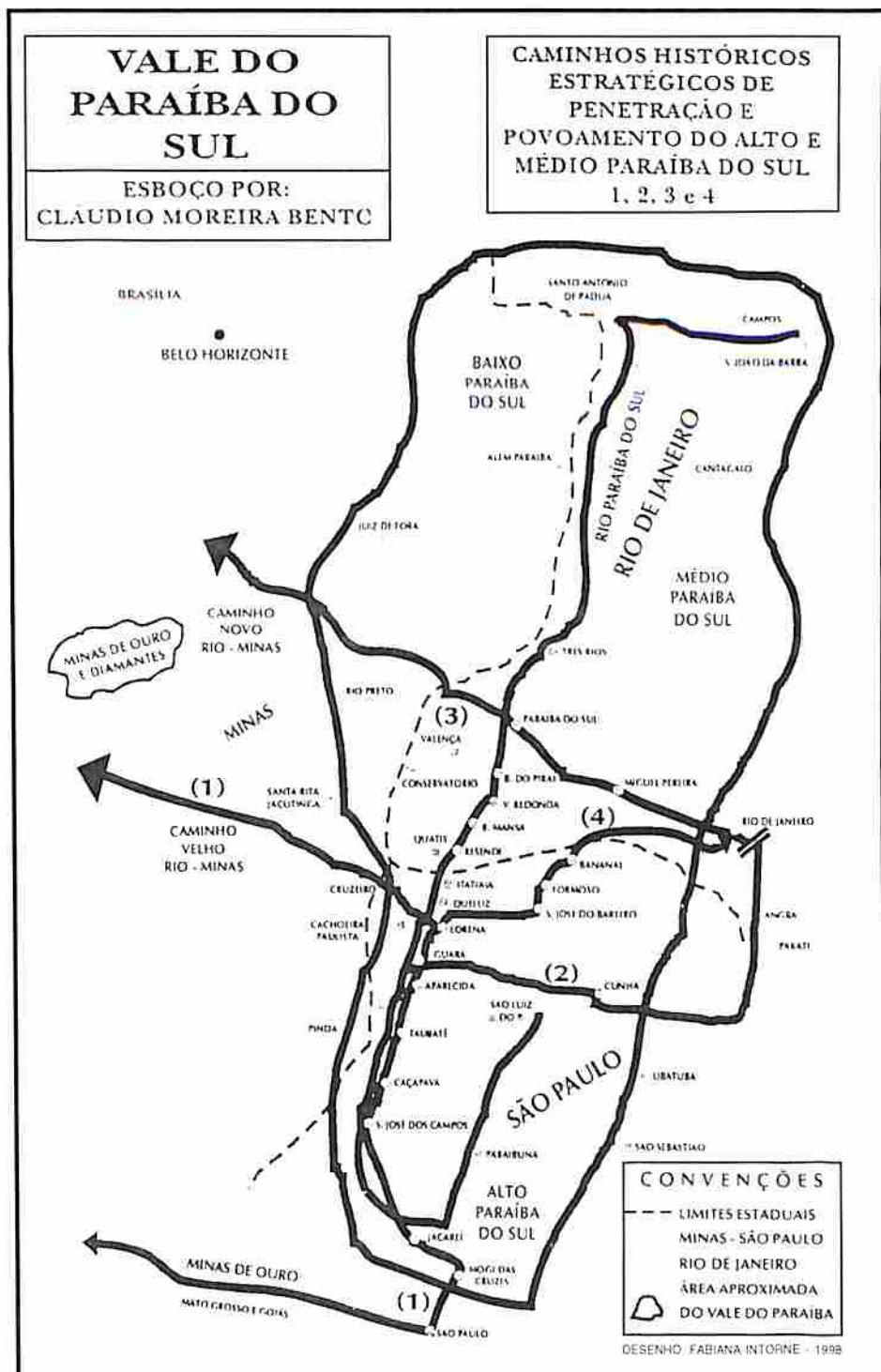
surto rodoviário então inaugurado pelo Presidente Washington Luiz, ele teve duas décadas de movimento, até ser inaugurada a Via Dutra, em 1950. O esgotamento das terras pelo café, a ferrovia Rio—São Paulo e, em 1950, a Via Dutra determinaram a decadência do primitivo Caminho 4, onde, em 1932, a fronteira Rio—São Paulo foi cenário de renhidos combates entre revolucionários de 32 e governistas, com seu quartel-general em Resende. Foi sobre o primitivo Caminho 4 que, em 1842, em Silveiras, governistas da Polícia da Corte, enviados do Rio de Janeiro e infiltrados através do Caminho 2, bateram os revolucionários.

Os primitivos Caminhos 1, 3 e 4 transformaram-se nos dois mais importantes eixos estratégicos terrestres, ligando as capitais São Paulo—Rio de Janeiro—Belo Horizonte e Brasília — vértices do *quadrilátero do poder nacional*.

A importância desses caminhos foi crescendo durante o Ciclo do Ouro e continuou, no vale do Alto e Médio Paraíba, durante o Ciclo de Café iniciado em Resende. Ciclo que obrigou a abertura e exploração de

³ Os caminhos 1 e 2 faziam junção em Guará, Vila Facão, nome adotado em razão de, na transposição da Serra do Mar para o Vale do Paraíba, a serra lembrar um facão.

⁴ Ao longo dele surgiu o povoado de Paraíba do Sul, ponto de partida de povoamento de áreas adjacentes, que se desenvolveu em torno da fazenda onde Garcia Rodrigues se estabeleceu.



caminhos ligando, por terra, através de passagens na Serra do Mar, o Vale do Paraíba até os portos de Angra dos Reis e Parati, para escoar, em lombo de mulas, de 1800 a 1863, o café vale-paraibano para os portos de Angra dos Reis e Parati e, deles, para o exterior, até a construção da ferrovia Rio-São Paulo, na década de 70 do século passado.

Por cerca de uma década (1860-73), o café produzido em Resende e adjacências foi escoado via fluvial pelo Paraíba até as pontas dos trilhos da ferrovia Pirai-Rio.

Ao longo dos Caminhos 4 e 3 foram decididas, na altura das fronteiras Rio de Janeiro-São Paulo e Rio de Janeiro-Minas Gerais, no vale do Médio Paraíba, a sorte das revoluções de 1842 e 1964. No Caminho 3, no vale do Paraíba mineiro, a sorte da Revolução de 30, partida de Minas com destino ao Rio de Janeiro, bem como a Revolução de 1964. No Caminho 4, na Fronteira Rio de Janeiro-São Paulo, na altura de Resende — Itatiaia, foi decidida a sorte da Revolução de 32, o que dá a medida da importância estratégico-militar dos citados

caminhos. Pelo Caminho 2, foi atacado o flanco da Revolução de 32.

CRONOLOGIA DOS CAMINHOS HISTÓRICOS E ESTRATÉGICOS

Para um melhor entendimento da projeção histórica dos quatro caminhos focalizados, recorreremos à Cronologia, disciplina auxiliar da História, balizando fatos direta e indiretamente a eles ligados, para que o leitor e o pesquisador interessados se enriqueçam com suas reflexões, ilações e conclusões pessoais.

Trataremos as localidades, de preferência, por suas denominações atuais, sendo que as denominações primitivas constam da bibliografia, e os caminhos pelos números atrás convencionados para maior facilidade de referência.

Traduziremos em linguagem atual o sentido dos documentos antigos que transcreveremos no todo ou em parte — documentos também constantes da bibliografia consultada.

1565 – João Ramalho iniciou o devassamento do vale do Paraíba paulista até Lorena (antiga Vila da Piedade), combatendo índios que ameaçavam São

Paulo. Deu início ao balizamento do Caminho 1.

1597 – Martim Correia de Sá, saindo do Rio de Janeiro, com 700 portugueses e 2.000 índios, percorreu o Caminho 2 e atingiu o sul de Minas.

1624-1654 – Holandeses invadem o Nordeste e têm lugar as Guerras Holandesas no Nordeste, por 30 anos.

1674-1681 – Fernão Dias Pais Leme partiu de São Paulo ao longo do Caminho 1 com a sua bandeira e atingiu Sabará. Descobriu ouro e diamantes, devassou e fundou Minas Gerais, onde integrou o Sudeste do Brasil com o Nordeste, através do Rio São Francisco, até Salvador, capital da Colônia.

1680 – Expedição marítima do Rio de Janeiro fundou a Colônia do Sacramento, defronte a Buenos Aires, e por cuja posse Portugal e Espanha lutaram militar e diplomaticamente por 97 anos, com reflexos no Sudeste.

1688 – Paulistas santistas fundam Laguna em Santa Catarina.

1690 – Documento em torno dessa data refere que foi descoberto o ouro em Minas e divulgada a sua existência. Logo os paulistas seguiram para lá (pelo

Caminho 1) e os do Rio de Janeiro logo fizeram caminho para as minas (pelo Caminho 2, ou dos Guarás).

1694 – Foram descobertas as minas de ouro de Vila Rica (Ouro Preto).

1698 – O Capitão General da Capitania do Rio de Janeiro solicitou, a Garcia Rodrigues, que abrisse um caminho (Caminho 3) ligando a Baía da Guanabara aos Campos Gerais e minas de Ouro Preto, Sabará etc., sem o risco do inimigo no mar.⁵

1700 – As minas de ouro de Minas são atingidas pela fome, em razão de as fortes chuvas as isolarem de sua base abastecedora, a Bahia, através do Rio São Francisco. Assim retratou a tragédia Lima Junior, em *A Capitania de Minas Gerais: A fome atingiu Ouro Preto. Os gêneros alimentícios custavam cifras altíssimas e eram raros. A fome foi agravada por uma epidemia de varíola que devastou vários arraiais. Os animais eram vigiados para não serem*

devorados pelos famintos. As cheias dos rios, em 1699 e 1701, agravaram a fome, impedindo a chegada de alimentos. Começou o êxodo dos famintos que caíam de fome em caminho. Lembra a tragédia o local Campo das Caveiras, onde foram encontradas milhares delas, dos que tentavam fugir da fome em Ouro Preto. Os viajantes eram assaltados por famintos que morriam aos magotes de espada e tiro ao primeiro embate. Foi um quadro aterrador!

1700 – Tem lugar uma grande *corrida do ouro* para Minas Gerais. De todos os locais do Brasil e de Portugal migram enormes massas humanas para explorar o ouro e os diamantes lá descobertos.

1708-1709 – Tem lugar a *Guerra dos Emboados*,⁶ de migrantes (emboabas) de Portugal e de várias partes do Brasil contra os paulistas, que haviam devassado, descoberto e exploravam as minas. Os paulistas foram derrotados e Minas Gerais saiu da jurisdição paulista.

1709 – De setembro a outubro, os Caminhos 1 e 2 foram percorridos, ida e volta, por expedição militar paulista hierarquizada, forte de 1.300 homens, divididos

em companhia de infantaria e piquetes de cavalaria, ao comando de Amador Bueno. Visava a uma revanche da derrota que os emboabas impuseram aos paulistas no *Capão da Traição*. Depois de renhidos combates, se retiraram, face à forte resistência encontrada, organizada previamente, ao saber-se da expedição vingadora.

1709 – Portugal, para não ficar despovoado, proibiu migrações para Minas. Sua proibição é desobedecida. Esvaziam-se São Paulo, Rio de Janeiro e Nordeste, cujas populações se dirigem, em corrida de ouro, para Minas Gerais.

1710 – O corsário francês Du Clerc invadiu o Rio de Janeiro. Foi derrotado, preso e morto misteriosamente. Garcia Rodrigues salvou o tesouro do Governo no Rio, transportando-o para lugar seguro na Serra da Mantiqueira no Caminho 3, o que lhe valeu, por Alvará de 16 de setembro de 1715, o direito de fundar uma vila numa passagem do Rio Paraíba, o que aconteceria 86 anos mais tarde, em 26 de setembro de 1801, com a fundação de Resende de que era donatário seu neto, Coronel Fernando, como adiante

⁵ Perigo dos corsários e piratas no trecho Parati-Sepetiba, passagem, obrigatória do ouro levado para o Rio de Janeiro pelos caminhos 1 e 2.

⁶ Guerra que a *História do Exército* localiza em seu v. 1 (p. 307).

se verá, e que herdou o direito do avô.

1710 – Paulistas de Taubaté e Guará, ao conhecerem a invasão do Rio, desceram pelo Caminho 2 para o litoral, para lutar contra Du Clerc, o que causou grande alegria ao rei que agradeceu em carta a solidariedade paulista.

1711 – O corsário francês Du Guay Trouin invadiu o Rio de Janeiro. Retirou-se à aproximação de coluna ao comando do Capitão-General de Minas Gerais, que desceu ao Rio pelo Caminho 3, com a forte tropa que reuniu.

1711 – Novo decreto tenta estancar, em Portugal, a corrida do ouro para Minas, mas sem grandes resultados.

1711 – São criadas as vilas de Mariana, Ouro Preto e Sabará, onde se localizavam as ricas minas de Minas Gerais, tal o progresso que atingem.

1713 – É criada a vila de São João del-Rei, local de ricas minas de ouro.

1717 – O Capitão-General do Rio de Janeiro viajou a Minas pelo Caminho 2 e observou que, em Parati, havia um Capitão Lourenço Carvalho, casado com uma mulata que possuía

300 escravos que transportavam cargas, Serra do Mar acima, até Guaratinguetá (porto Paicaré), pois no Caminho 2 não podiam ser usados cavalos, em razão da aspereza do caminho. Levou cinco dias de Parati ao Vale do Paraíba e vinte dali até às primeiras minas do Ribeirão das Mortes (Rio das Mortes).

1719 – Portugal reitera a proibição de migração portuguesa para o Brasil.

1719 – Descobertas as minas de ouro em Cuiabá, por bandeirantes.

1719 – Veio de Portugal uma companhia de Dragões, com 41 homens, para apoiar a manutenção da ordem em Minas Gerais e, logo a seguir, uma segunda companhia e, só em 1735, a terceira, originando o Regimento de Dragões de Minas.

1720 – Foi criada a capitania de Minas Gerais, desligada da de São Paulo.

1721 – Revolta de Vila Rica (Ouro Preto) esmagada pelos Dragões. O seu líder, Felipe dos Santos, foi enforcado e esquartejado por crime de lesa-majestade. Foi uma manifestação nativista.

1723 – Frei Agostinho de Santa Maria observou, em viagem pelo Caminho 2, que: *Parati virá a ser muito*

populosa pelos muitos negócios e comércio que nela existem. Pois é porto de mar aonde chegam pessoas de Jacareí, Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Munhungava e Taubaté. Pessoas estas que descem ao porto de Parati para comprar sal, azeite, vinho e tudo o mais. Ali vêm ter, igualmente, muitos moradores das Minas com ouro para negociar, como de Parati partem muitas pessoas (Caminho 2) que vem do Rio de Janeiro com destino às minas de ouro.

1725 – São criadas as casas de fundição de ouro de Vila Rica (Ouro Preto), Sabará, São João del-Rei e Vila do Príncipe, em Minas Gerais, extintas em 1736, reabertas em 1851 e extintas em definitivo em 1803. Em 1725, foi aberta, em Ouro Preto, uma Casa da Moeda, que foi extinta em 1736. Nesse período, funcionou uma casa de moeda falsa em Paraobeba, 1730, e outra em Tijuco (Diamantina), 1732, segundo o General Severino Sombra em sua *História Monetária do Brasil*.

1725 – Laguna (SC) mandou uma expedição que permaneceu longo tempo em São José do Norte atual, visando à exploração do

gado *vacum* selvagem existente no Rio Grande e no Uruguai atuais. A frota de João de Magalhães, foi marco do povoamento português do atual Rio Grande do Sul. Tem início o período áureo de tropeadas de gado *vacum* das campanhas do Uruguai e gaúchas para Laguna. E, na esteira dos tropeiros, surgem, ao longo do litoral gaúcho, invernações de passagem. Pouco depois, lagunenses se infiltram e se radicam como estancieiros em torno de Porto Alegre atual. Paulistas passam a explorar as vacarias existentes no sul, com vistas a abastecer as minas de Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais ligando, assim, as minas de ouro e diamantes à exploração do gado selvagem e o chimarrão, existentes no extremo sul.

1725 – O bandeirante Anhanguera descobre minas de ouro em Goiás.

1725 – O Capitão-General de São Paulo determina a abertura do Caminho 4 para ligar São Paulo ao Rio de Janeiro por terra, para o transporte, em segurança,

dos quintos de ouro de Mato Grosso e Goiás a salvo da intervenção de piratas e corsários pelo litoral.⁷ O caminho é origem da antiga rodovia Rio-São Paulo, que entrou em declínio com a abertura da Via Dutra, em 1950.

O Caminho 4 foi assim balizado: Lorena-Cachoeira Paulista (viagem amena junto ao Paraíba e suas planícies); Cachoeira Paulista-Silveiras (o caminho galga região de montanhas suaves de cumes arredondados); Areias (terras altas cortando matas compactas e sombrias, tendo-se de atravessar os córregos Melado, Estiva e Rio de Janeiro Itagaçaba); Areias-São José do Barreiro (toma-se a direção sudeste com travessias dos ribeirões Santana, Pau d'Alho e Barreiro); São José do Barreiro-Bananal (travessia dos ribeirões Feio, Formoso, Cachoeira, Barreiro, Alambari, Turvo e Bananal); Bananal-São João Marcos (tomando o rumo sudeste, travessia dos ribeirões Pirapitinga e Carioca, contorna-se o morro do Frade, ultrapassagem do vale do Rio Pirai e, daí em diante, seguindo por íngreme caminho na Serra das Araras, dela se desce contornando os

flancos dos morros, tendo à esquerda abismos de mataria no fundo de longas escarpas e, com vagar e cuidado, até atingir São João Marcos); São João Marcos-Fazenda de Santa Cruz (com travessia dos rios Itaguaí e Guandu, em terreno de planície litorânea da Baixada Fluminense).

Foi ao longo desse caminho difícil que surgiram as localidades valeparaibanas de Cachoeira Paulista, Silveiras, Queluz, Areias, São José do Barreiro, Formoso, Bananal e São João Marcos (antiga Vila do Príncipe e hoje inundada pela represa do Ribeirão das Lages).

Esse caminho foi aberto pela iniciativa privada, por ordem do governo de São Paulo, sofrendo forte oposição do governo do Rio de Janeiro, em defesa de interesses de Angra dos Reis e Parati, sob o argumento de impedir a construção de um caminho terrestre ligando Parati-Angra dos Reis-Sepetiba-Santa Cruz-Rio de Janeiro a salvo de ações de corsários, e do governo de Minas Gerais, que pretendia estender o Caminho 3 até Goiás e Mato Grosso, e por ele conduzir o ouro sem

⁷ Vide *Ataques de DuClerc e Du Gay Troin ao Rio de Janeiro, em 1710 e 1711.*

passar por São Paulo.

1727 – O tropeiro Francisco Souza Faria abriu um caminho mais direto do Rio Grande do Sul (atual) para atingir São Paulo e de lá abastecer as minas de Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais: caminho litorâneo até Araranguá, quando dali atingia Lages (atual), Lapa, seguia por Curitiba e Castro, no dorso da Serra Geral, até atingir Sorocaba, entreposto de distribuição dos produtos carreados do sul. O caminho foi concluído pelo tropeiro Coronel de Ordenanças Cristóvão Pereira de Abreu que, de uma feita, conduziu através deste caminho 3.000 animais que tomaram o destino das minas de Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais.

O Ciclo do Ouro no Brasil coincidiu, em linhas gerais, com o término do Ciclo da Prata no Peru, que era transportada, no lombo de mulas, por tropeiros espanhóis até o mar do Caribe. Com a descoberta de ouro em Minas, Mato Grosso e Goiás, muitos desses tropeiros espanhóis se voltaram para explorar o abastecimento das minas de ouro e diamantes. Exemplo disso foi o do tropeiro espanhol Bartolomeu Chevar, que

conduziu, dos atuais campos riograndenses, uruguaio e argentinos para a região aurífera mineira, em 1754, 3.780 cabeças de muares, usando o Caminho 1 e parte do Caminho 2.

O lucro dos tropeiros de mulas vindos de Colônia do Sacramento portuguesa e, mesmo, das províncias argentinas atuais de Corrientes e Entre Rios, avoluma-se a partir de 1733. É compensador, mesmo pagos os impostos, e seu comércio cresce na mesma proporção da produção de ouro e diamantes. São Paulo e Minas são proibidos de criarem mulas pois, se concorressem com o sul, daria um golpe no povoamento e defesa do Rio Grande do Sul, segundo Guilhermino Cezar:

...O tropeiro de mulas desvendou os mistérios do Rio Grande, afugentou ou aliciou o índio, abriu caminhos, formou invernadas e estâncias e ligou entre si áreas econômicas distintas, como a pecuária extrativa sulina, com mineração de ouro e diamantes no Sudeste e Centro-Oeste, para onde transportou vacuns de corte e de cria, couros e principalmente mulas de sela e de carga e

impôs aos portugueses objetividade na questão de dilatação e defesa de nossas fronteiras...

Para Pandiá Calógeras, em *Res Nostra*:

...Os tropeiros e seus auxiliares representavam uma aristocracia. Nos tempos do apogeu do tropeirismo, o dono da tropa era personagem de destaque...

1728 – Foi criada uma Casa de Fundição de Ouro em São Paulo, que foi extinta em 1736, recriada em 1851, extinta em 1762, recriada em 1788 e extinta em 1819, segundo o General Severino Sombra em *Carta Monetária do Brasil Colonial*.

1732-36 – Lagunenses se estabelecem com estâncias em torno de Porto Alegre (atual) e continuam a explorar o Rio Grande do Sul (atual) e a fornecer gado de corte e de cria, bem como muares de sela e carga e cavalos para o Sudeste e o Centro-Oeste. Estância tem o sentido, aí, de permanência num lugar. Quem recebia a terra tinha o compromisso de uma permanência mínima, ou de estância mínima, na mesma, de estar num lugar por um tempo mínimo. Daí o nome de estância, dado às

grandes propriedades pecuárias sulinas. Origina-se desta época o nome do Rio Grande do Sul, chamado de Rio Grande, o do Sul, para distingui-lo do Rio Grande, formador do Triângulo Mineiro, onde existia um Registro por onde passavam riquezas das, e para as, minas de ouro de Goiás e Cuiabá. Com o tempo foi suprimido o o e ficou só Rio Grande do Sul.

1733 – O General Gomes Freire de Andrade foi nomeado Governador e Capitão-General do Rio de Janeiro, função que exerceria por 30 anos, seguindo orientação geopolítica do Marquês de Pombal e de Alexandre de Gusmão.

1737 – Foi fundado o Rio Grande do Sul, por expedição naval ao comando do Brigadeiro José da Silva Pais, que foi recebido em Rio Grande (atual) por tropeiros locais que lhe forneceram um contingente para o futuro Regimento de Dragões do Rio Grande. Participaram dessa expedição 41 Dragões de Minas, que passaram a fornecer guarda no arroio Chuf, e um pelotão de infantaria, que passou a guarnecer um fortim então levantado em São Miguel. Até então, a estra-

tégia portuguesa era a de infiltrar lentamente, por terra, povoadores portugueses do Rio Grande, terra de ninguém. Os Dragões de Minas, que originariam o Regimento de Dragões do Rio Grande, foi criado em 1739. O objetivo era prevenir outro surto expansionista jesuítico que, com suas missões de Tape, Guaíra e Itatins, ameaçaram, em sua expansão para o leste, separar os atuais Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná do restante do Brasil.

1738 – Foi criada a capitania subalterna de Santa Catarina, subordinada ao Rio de Janeiro, sob o comando de Silva Pais que, até 1741, transformou a ilha numa base militar naval terrestre bem fortificada, para melhor apoiar a Colônia do Sacramento, disputada a ferro e fogo por Portugal e Espanha.

1739 – Foi fundado o povoado de São João Marcos, hoje inundado pela represa do Ribeirão das Lages, localidade que seria rival política de Resende por longos anos.

1744 – Bandeira vinda das minas de Airuoca, ao comando do Tenente-Coronel de Ordenanças do Regimento de Mogi das Cruzes-

Jacareí, Simão da Cunha Gago, descobriu Resende atual, então chamada N. S. da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova, logo a seguir capela e freguesia subordinada a São Paulo.

1744 – São desbravadas as regiões onde hoje se erguem Barra Mansa, Volta Redonda e Itatiaia, pelos descobridores de Resende, vindos de Airuoca-Minas.

1745 – Foi aberto, pela iniciativa privada, um caminho Airuoca-Campo Alegre (Resende atual)-Barra Mansa-Serra das Araras-Santa Cruz-Rio de Janeiro. Seu uso foi proibido para prevenir o descaminho de ouro, contrariar interesses do comércio de Angra dos Reis e Parati e dos moradores do Caminho 3. O Caminho 4 demoraria 40 anos a passar perto de Resende atual.

1746 – São Paulo perde o *status* de capitania.

1748 – Mato Grosso foi elevado a capitania independente, dada a sua importância econômica crescente, e nela criada uma Companhia de Dragões.

1752-54 – Tem lugar, no Rio Grande do Sul, a Guerra Guaranítica, entre os exércitos de Portugal e Espanha,

demarcadores do Tratado de Madri de 1750, e os índios dos Sete Povos das Missões, liderados pelos jesuítas. Estes foram derrotados em Caiboaté e Churieby.

Nesse mesmo período, entraram no Rio Grande cerca de 585 casais de açorianos destinados a substituir, nos Sete Povos das Missões, índios missionários, os quais deviam evacuar, pelo Tratado de Madri de 1750.

1755 – Lisboa foi atingida por violentíssima e destruidor terremoto.

1759 – O Marquês de Pombal expulsou de Portugal e de seus domínios os jesuítas, pela resistência que opuseram nos Sete Povos. O Colégio de Santa Cruz (atual quartel do Batalhão Escola de Engenharia) passou a ser residência dos vice-reis e, assim, foi eliminada a resistência jesuítica à abertura do Caminho 4 Rio-São Paulo. Os jesuítas haviam, em épocas diversas, criado os seguintes atrativos econômicos no sul: índios aldeados em suas reduções (1627-41) que foram preiados por bandeirantes, para

compensar o estancamento da entrada de escravos da África, cujas fontes foram dominadas pelos holandeses que ocuparam o Nordeste (1624-54); gado *vacum*, que os jesuítas semearam em suas 11 estâncias no Rio Grande e Entre Rios e que se tornaram poderoso atrativo econômico para o Sudeste e o Centro-Oeste, no abastecimento de boca dos mineiros de ouro e diamantes.

1762 – Foi criado, em 27 de janeiro, o Vice-Reino do Brasil, com sede no Rio de Janeiro, que substituiu Salvador como a capital do Brasil Colônia. Deslocou-se o poder da Colônia para fazer frente a ameaças espanholas no sul do Brasil e melhor proteger o ouro que ali era embarcado para Portugal, sob a proteção de um complexo de fortes e fortalezas que tornaram o porto do Rio de Janeiro um dos mais bem defendidos do mundo.⁸

1763 – Forte exército espanhol, ao comando do General Pedro Ceballos invadiu o Rio Grande do Sul pelo litoral e conquistou a vila de Rio Grande, que dominariam por 13 anos. Essa invasão dispersou por diversos locais os imigrantes

açorianos, em particular ao longo do Rio Jacuí e do litoral, entre Rio Grande e Viamão.

1763 – São Paulo retorna ao *status* de capitania, para melhor apoiar militarmente o Rio Grande do Sul invadido pelos espanhóis.

1765 – O clima é de guerra nas fronteiras do sul e do oeste, situação que perduraria pelos próximos onze anos. A construção do Caminho 4, Rio-São Paulo, sofre percalços pela ação das intempéries, falta de recursos, de povoadores e de vontade política, e pelas oposições já referidas.

1765 – Assume a paróquia da freguesia de Resende (atual), o padre Henrique José de Carvalho, que se torna um grande opositor do traçado do Caminho 4 e propõe uma variante passando por Resende (atual).

1766 – O Colégio de Santa Cruz, expulsos os jesuítas do Brasil, passou a ser residência de verão do Vice-Rei. Sua posição, então, era estratégica e de acesso ao Rio de Janeiro pelos Caminhos 1 e 3 e pelo projetado Caminho 4.

1767 – Paulistas dão início à construção da Fortaleza N. S. dos Prazeres do

⁸ Vide *Historia do Brasil através de seus Fortes*. Porto Alegre, GBOEx, 1982.

Iguatemi, no sul do atual Mato Grosso do Sul. Empreendimento feito em região insalubre, consumiria preciosas vidas de seus defensores paulistas.

1772 – Fundada a atual cidade de Porto Alegre, por Provisão de 26 de março.

1772 – Foi estabelecido um Correio Militar ao longo do Caminho 4.

Em cada parada criada devia estar pronto, para transportar as malas postais para a seguinte, um oficial e quatro ordenanças. As paradas eram em Mogi das Cruzes, Jacareí, Taubaté, Pindamonhangaba e Guará. Esse serviço ganhou, em 1792, em Lorena, uma sala, para abrigo, como segurança, das malas postais. Esse serviço foi estatal por mais de 50 anos, tornando-se privado em 1815. Havia um correio alternativo pelo Caminho 1, sendo que, em Cunha, existia a única tropa de cavalaria de Milícias para agilizar as comunicações Rio-São Paulo e, deste, com o sul em guerra e, particularmente, no período 1774-78.

1774 – Tem início, em Minas Gerais, o célebre Colégio do Caraça, nome originário das montanhas circundantes que lembravam enormes caras humanas.

1777 – O Caminho 4 não reunia condições de conforto para viagens. Guará e Lorena eram paradas obrigatórias de viajantes do Caminho 4.

1775 – É reconquistado o Forte São Martinho, ao norte de Santa Maria (atual), aos espanhóis. Ele era a chave de acesso aos Sete Povos das Missões.

1775 – Foi construído o Forte de Coimbra, na fronteira com o Paraguai.

1775 – O novo Capitão-General de São Paulo, General Martim Lobo de Saldanha, viajou do Rio a São Paulo pelos Caminho 2, anfbio, e Caminho 1, numa viagem de 17 dias. Fez o seguinte itinerário: Rio – Sepetiba – Ilha das Pescarias – ilha Paracuca – ilha Grande – ilha Gipóia – Parati (viagem em canoas com ventos e mau tempo); Parati – sopé da Serra do Mar (subida da serra em grande parte a pé pela aspereza do caminho) – Aparição – Vila Falcão (Cunha atual) – Paraipitinga – Guaratinguetá – Aparecida – Pindamonhangaba – Taubaté – São José (dos Campos) – *que só é vila porque os moradores são índios e se acham dispersos pelas roças...* – Jacareí – Mogi das Cruzes – São Paulo. Não

usou o Caminho 4 (*por não adequado e não oferecer conforto*). A ele caberia concluir o Caminho 4 nos próximos três anos.

1775-76 – O Padre Carvalho, citado vigário de Resende (atual) solicitou, ao Capitão-General de São Paulo, General Lobo de Saldanha para reabrir o caminho Airuoca-Resende-Barra Mansa (atual)-Serra das Araras, o que lhe foi negado, surgindo, como compensação, a idéia de uma variante ao Caminho 4, passando por Resende e que atingisse o Rio deixando São João Marcos fora dele. O governo de São Paulo autorizou a variante. E teve lugar uma série de oposições e boicotes à idéia do padre Carvalho, lideradas por autoridades de Guará e São João Marcos. A variante foi iniciada em meio a estrepitosa controvérsia, que resultou em prisões e na obrigatoriedade de os seus construtores não retornarem a Taubaté antes que a variante fosse construída. O governo de São Paulo, confuso com a argumentação dos interesses em conflito, seguiu o parecer do Ouvidor Geral, depois de muitas marchas e contra-marchas no caso, ou seja:

O Caminho 4 ...*por São João Marcos é mais curto. Evita infinitos alagadiços e não necessita passar pela freguesia de Santana (a dos Tocos, hoje sob a represa do Funil) e por Paraíba Nova (Resende atual). Não concederei aos moradores de Santana dos Tocos e de Paraíba Nova (Resende) os privilégios prometidos, os quais dou por quebrados e sem nenhum vigor, por ser Santana (dos Tocos) coito de criminosos e de homens de má consciência que nela se refugiaram. E caso as prerrogativas e faculdades que dei ao padre José Henrique de Carvalho, de Campo Alegre (atual Resende) e pedindo-lhe a devolução das Ordens e Portarias sobre o assunto...*

O padre Carvalho resistiu até onde lhe foi possível, não devolvendo os trabalhadores paulistas e as Ordens e Portarias solicitadas pelo governo de São Paulo. E nessa oposição ele foi apoiado pelo governo de Minas. Gastou muito com a variante, sendo indenizado pelo governo de São Paulo, que ordenou a prisão dos opositores do Caminho 4 sem a variante por Resende. O padre Carvalho reagiu e denunciou ao Vice-Rei que

paulistas estavam invadindo, sem permissão, terras do Rio de Janeiro e solicitou prisão para eles. Anunciou que prenderia os paulistas que ultrapassassem o Rio Pirai, sem a permissão do Vice-Rei, quando teria ameaçado de morte o construtor do Caminho 4. O governo de São Paulo argumentou, em carta, ao padre Carvalho sobre os inconvenientes da variante pretendida por Resende:

...O caminho é sempre perigoso, especialmente na estação das chuvas, em razão dos ribeirões que ele atravessa encherem e não permitirem passagem. Que mesmo na estiagem, em várias travessias, os cavalos são obrigados a nadar, e em outras os cargueiros serem descarregados e os cavalos de sela terem de ser traçados pelas rédeas, com muito cuidado para não caírem no rio.

Que neste projeto de variante por Resende só se podia ser enganoso e interesses particulares e que todas as pessoas de experiência e sérias informam que o Caminho 4 em construção é mais curto, mais direto e mais livre dos mencionados inconvenientes, por retificar uma grande

curva, evitar muitas lagoas e mais três dias de viagem, acrescidos pela variante que atravessaria os numerosos afluentes do Rio Paraíba em seus baixos cursos, como os ribeirões Vermelho, Santana, Barreiro, Bananal e Pirai, sendo preferível atravessá-los em suas cabeceiras sem a necessidade de recorrer-se a canoas...

1776 – Os espanhóis foram expulsos do Rio Grande do Sul pelo Exército do Sul, mobilizado com recursos de todo o Brasil. Foi o fim de uma dominação que durou treze anos. Quase ao final dessa guerra, chegaram ao Rio Grande o Regimento de Infantaria de São Paulo, por mar, e a Legião de Voluntários Reais de São Paulo, por terra, com numerosas baixas, desde São Paulo, pela varíola.

1776 – Espanhóis partidos de Assunção conquistam a Fortaleza N. S. dos Prazeres do Iguatemi, construída pelos paulistas para fixar efetivos espanhóis que poderiam reforçar a frente sul. Foi um esforço militar inútil.

1777 – Expedição ao comando do General Pedro Ceballo, Vice-Rei do Rio da Prata, vinda da Espanha, conquista a ilha de Santa

Catarina, fracassa em sua tentativa de atacar o Rio Grande do Sul e conquista definitivamente a Colônia do Sacramento.

1777 – Tratado de Santo Ildelfonso devolve Santa Catarina a Portugal e consagra a posse espanhola dos Sete Povos, e da Colônia do Sacramento — portanto, lesivo aos interesses de Portugal. O local da Fortaleza N. S. dos Prazeres do Iguatemi fica para Portugal.

1777 – Foi mandado fechar o caminho Rio Paraíba–Piquete (atual)–Delfim Moreira (atual)–Pouso Alto–Baependi, para prevenir o descaminho de ouro e por motivo de nele transitarem *criminosos e índios fugidos*. Lorena era convergência do Caminho Velho (Caminho 2) com o Caminho 1 (São Paulo–Lorena). Dela demandavam a Garganta do Embaú na Mantiqueira, que dava acesso à região aurífera, a qual só podia ser atingida legalmente por Lorena, que só passou a chamar-se assim

⁹ A contrariedade deste com o abandono da variante por Resende (atual) resultaria em ele ter conseguido transferir a então Freguesia da Paraíba Nova (Resende) da jurisdição paulista para a do Rio de Janeiro, ou do Vice-Rei.

em 1778. Antes, era vila da Piedade. Lorena foi um capitão-general paulista que era filho natural do Rei D. José, segundo consta.

1778 – Foi fundada a povoação de Corumbá, em Mato Grosso.

1778 – Foi concluído o Caminho 4 na largura ordenada *de um tiro de pistola*. O governador de São Paulo General Logo Saldanha escreveu:

Devo assegurar que, para satisfazer a minha vaidade, basta-me haver aberto o (Caminho 4) entre o Rio de Janeiro e São Paulo o que há 40 anos se tentava sem conseguir-se.

E nesse ano, pela primeira vez, foram transportados de São Paulo para o Rio de Janeiro os quintos de ouro de El-Rei.

Em realidade, esse Caminho Novo (Caminho 4) foi aberto durante 53 anos (1725-78). O Caminho 4, unido com o Caminho 1, resultaria na Via Dutra. As dificuldades para a sua abertura em 53 anos resultaram: da precariedade de recursos técnicos e econômicos; dos numerosos e variados obstáculos naturais a serem vencidos; a oposição de Parati, de Angra dos Reis e Ilha Grande, dos governos

do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, dos jesuítas do Colégio de Santa Cruz e do vigário de Paraíba Nova (Resende);⁹ a crise de 17 anos decorrente da extinção da Capitania de São Paulo e de a obra ser tocada pela iniciativa privada empobrecida.

Paulo Reis que se aprofundou no estudo desse Caminho 4, na sua obra relacionada na bibliografia fez uma ressalva à página 109, mencionando informe ou murmúrios de Saint-Hilaire, em 1822, sem base em fontes primárias, que a variante fora abandonada por terem os moradores de São João Marcos, que ficariam fora dela, pago 3.000 cruzados ao intendente de polícia Paulo Fernandes Viana, o que vinha de encontro ao construtor do Caminho, Capitão-Mor de Guaratinguetá Manuel da Silva Reis, que possuía terras em Areias e Bananal, fora da variante por Resende. E, para essa versão, faltam elementos.

Esse Caminho 4, combinado com Caminho 1, foi fundamental para o desbravamento e o povoamento do Alto e Médio Vale do Paraíba que, pouco mais tarde, acolheria o Ciclo do Café.

1779 – Tem início, em Pelotas (atual), a indústria do charque ou saladeril do Brasil, que passa a alimentar, com carne bovina seca e salgada, concentrações escravas no Sudeste, incluindo as minas, no Nordeste, na indústria canavieira, e as guarnições de navios, pela praticidade de sua conservação, transporte e preço acessível, inaugurando o Ciclo do Charque, segundo Alavarino F. Marques em *Episódios do Ciclo do Charque* (Porto Alegre, EDIGAL, 1987), obra que aborda esse assunto, com profundidade.

1782 – O Vice-Rei determinou ao Capitão Joaquim Xavier Curado, do atual Batalhão Sampaio, que organizasse uma força militar com os fazendeiros e moradores do Campo Alegre (Resende) para expulsar, da região, índios bravios vindos de Minas, que estavam agredindo e expulsando fazendeiros da margem esquerda do Paraíba e maltratando e humilhando os Puris, habitantes da região os quais deviam ser aldeados em São Luiz Beltrão (atual Fumaça). Curado se desincumbiu muito bem, afugentando os índios hostis e aldeando os Puris, aos quais distribuiu

terras, e criou condições de segurança na região.

1783 – Foi criada a Real Feitoria Linhocânhamo do Rincão do Canguçu, no atual Rio Grande do Sul, em terras situadas no continente, pertencente aos atuais municípios de Pelotas e Canguçu, entre os atuais arroios Correntes e Grande, tendo como sede final Canguçu Velho, em Canguçu, e não na ilha hoje conhecida como ilha da Feitoria, na Lagoa dos Patos, como por muito tempo equivocadamente se acreditou. Essa feitoria foi acionada por escravos enviados da fazenda Real de Santa Cruz, no Rio de Janeiro, e produziu, até 1789, linhocânhamo, item estratégico na fabricação de velas e cabos, essenciais à navegação, e do qual Portugal dependia de importações da Inglaterra. O estabelecimento foi transferido para São Leopoldo (atual), onde funcionou com altos e baixos. Depois de extinta, acolheu, em 1824, em sua sede, os primeiros imigrantes alemães do Rio Grande do Sul.

1789 – Inconfidências carioca e mineira reprimidas com o suplício de Tiradentes: a força, seu esquartejamento e o espalhamento de

partes de seu corpo ao longo do Caminho 3 Rio-Minas, por onde ele havia escoltado remessas de quintos reais para o Rio de Janeiro, como alferes do Exército Colonial.

1792 – Criação, pelo Vice-Rei Conde de Resende, no aniversário da Rainha D. Maria I e sob a égide do Príncipe Regente D. João, da Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, destinada a formar, no Brasil, oficiais de infantaria, cavalaria, artilharia e engenheiros militares e civis na Casa do Trem (atual Museu Histórico Nacional). A Academia se constituiu a *pioneira do ensino militar acadêmico nas Américas e do ensino superior civil no Brasil*. West Point, nos EUA, foi a 2ª Academia fundada (1801).

De 1792 a 1800, verifica-se forte surto migratório para o Rio Grande do Sul, através dos Caminhos 1, 2 e 4, em razão da prosperidade sulina com as charqueadas, inclusive com a previsível expansão de sua fronteira pecuária, no pós-guerra 1763-76, decorrente da expulsão dos espanhóis do Rio Grande. Serve de amostragem a obra de Ilka Neves, *Primeiros povoadores e batismos em Canguçu-RS*,

1800-13 (Pelotas, Editora UF, Pelotas, 1998).

1800 – Por volta desse ano, a primitiva Paraíba Nova (atual Resende) torna-se pioneira do Ciclo do Café inaugurado no Brasil, ao longo do Caminho Airuoca-Resende, com mudas da rubiácea trazidas da fazenda Mendanha, no Rio de Janeiro, pelo padre Antônio do Couto da Fonseca. E dali se espalhou pelo Brasil. Assim, existem registros em Resende que, em 2 de maio de 1802, o Capitão Miguel Pedroso Barreto, natural de Triunfo, RS, e primeiro tabelião de Resende, filho de um dos conquistadores da Fortaleza de Santa Tecla (1776), em Bagé (atual), vendeu dois cafezais nas cabeceiras do ribeirão Taquaral. Em 7 de maio de 1802, o Capitão Antônio Pereira Leite, que integraria a Guarda de Honra do Príncipe D. Pedro, em 7 de setembro de 1822, no Grito do Ipiranga, e que seria o fundador de Itatiaia-RJ, adquiriu cafezais em Ribeirão Raso.

1800 – Num contexto de guerra eminente com os espanhóis, o padre Pedro Cortez de Toledo, filho de

Taubaté, na qualidade de Visitador do Rio Grande em nome do bispo do Rio de Janeiro, fundou as localidades gaúchas de Lavras, Canguçu e Encruzilhada, sobre possíveis caminhos de invasões espanholas no Rio Grande do Sul para barrálos. As duas últimas haviam sido, na guerra de 1774-77, bases de guerrilhas portuguesas, onde atuaram, ao final, alguns paulistas enviados ao sul integrando a Legião de Voluntários Reais. Essa Legião foi quase toda dizimada, desde São Paulo, a caminho, por terra, para Porto Alegre, por uma epidemia de varíola.

1801 – Fundada Queluz, por ordem do Governo de São Paulo, como aldeia *puri*, para retirar os índios *puris* da região entre Lorena e Resende (atuais), objeto de povoamento com concessão de sesmarias e abertura de caminho à margem esquerda do Paraíba. O aldeamento *puri* teve vida curta.

1801 – Guerra de 1801 no Rio Grande do Sul, onde foram conquistados os Sete Povos das Missões, o atual município de Santa Vitória do Palmar etc. e, no Mato Grosso, o território até o Rio

Apa — este em resposta a ataque espanhol ao Forte de Coimbra, entre 16 e 24 de setembro.

1801 – É criado a vila município de Resende, cuja instalação teve lugar a 29 de setembro, com a presença de seu donatário honorário Coronel Fernando Dias Pais Leme da Câmara, bisneto do bandeirante Fernão Dias Pais Leme e neto do Garcia Rodrigues, o construtor do Caminho 3, que leva o seu nome. O Coronel Fernando veio pelo Caminho 4, desde Japeri, transportado em rede, por estar doente e impossibilitado de cavalgar.

1803 – Criado aldeamento de índios Coroados no local que deu origem à cidade de Valença. O nome foi homenagem às ligações do Rei D. José de Portugal com Valença, na Espanha. Essa aldeia teve vida curta (cerca de 9 anos) e dela surgiu a cidade de Valença.

1803 – Nasce, no Porto da Estrela, da Baía de Guanabara, dentro de uma variante anfíbia do Caminho 3, Luiz Alves de Lima e Silva, o futuro Duque de Caxias.

1808 – Transmigração da Família Real de Portugal

para o Brasil, forçada por Napoleão.

1809 – O Rio Grande do Sul é elevado a capitania independente do Rio.

1810 – Segundo Oliveira Viana, o município de Resende já estava coberto por cafezais.

1812 – Campanha do Exército Pacificador da Banda Oriental, ao comando de D. Diogo de Souza, que termina incorporando o território onde hoje se situam os municípios de Uruguaiana, Itaqui, Santana, Alegrete e Rosário do Sul.

1815 – Elevação do Brasil a Reino Unido de Portugal e Algarve.

1816 – Guerras contra Artigas, no Rio Grande do Sul.

1820 – É criada a conservatória (com o sentido de reserva indígena) de Coroados e outros índios, em Conservatória (atual), com índios que migraram de Valença e outros existentes no local. O aldeamento durou pouco menos de sete anos. Valença foi fundada com índios catequizados da Aldeia de Fumaça (atual) em Resende, que foi a mais bem-sucedida.

1821 – Fim das guerras contra Artigas e incorporação ao Brasil do atual Uruguai, como a sua Província Cisplatina. A Legião de São Paulo tem importante papel no êxito militar dessa campanha e fornece o primeiro historiador do Brasil Reino Unido, o Coronel Diogo de Moraes Arouche Lara.

1822 – Saint-Hilaire viajou pelos Caminhos 4 e 1, em direção a São Paulo. Observou existirem, perto de Resende, consideráveis plantações de café de 40 a 100 mil pés, cujo lucro era empregado na compra de escravos e, acrescentaríamos, de mulas, para movimentarem as fazendas e transportarem o café para os portos de Angra dos Reis. O declínio do Ciclo do Ouro em Minas coincidiu, em linhas gerais, com o início do Ciclo do Café, no Vale do Paraíba. E as mulas do Rio Grande do Sul, até então vendidas para as regiões auríferas, penetram com seus tropeiros, agora brasileiros, ao longo dos Caminhos 1 e 4, para serem vendidas aos cafeicultores e a empresários de transporte de

café em lombo de mulas para os portos litorâneos, através da Serra do Mar. Exemplo eloqüente disso foi o do tropeiro gaúcho viamonense, Tenente Domingos Gomes Jardim, casado com uma Escobar, de Vacaria, que passou por Resende com uma grande tropa de mulas, que vendeu no Rio, onde obteve uma sesmaria em Bulhões. Aí se radicou e foi um motor de seu progresso, como empresário de transportes do café para Angra dos Reis, por caminho que abriu, pelo Ariró, até Mambucaba (9 léguas, menos 3 que o de Angra). Foi ainda o idealizador e líder da construção da primeira ponte unindo as partes de Resende separadas pelo Rio Paraíba.

1822 – O Príncipe Regente D. Pedro percorreu o Caminho 4, Rio-São Paulo, a cavalo, com reduzida comitiva, de 14 a 25 de agosto, uma viagem de 11 dias, tendo a 7 de setembro, às margens do Ipiranga, em São Paulo, proclamado a Independência do Brasil. Tinha a escoltá-lo uma Guarda de Honra composta maciçamente de 38 vale-

paraibanos, dos quais 9 de Pinda, 6 de Taubaté e 5 de Resende/Itatiaia. Entre estes, o Major Davi Gomes Jardim, filho do citado tropeiro, e o empresário Domingos Gomes Jardim. Foram as seguintes as etapas da viagem do príncipe: Rio de Janeiro, com pernoite em Santa Cruz —Fazenda Real, atual quartel do Batalhão Escola de Engenharia (14 de agosto); São João Marcos, hoje sob a represa do Ribeirão das Lages (15 de agosto); Bananal (16 de agosto); Areias (17 de agosto); Lorena (18 de agosto); Guará (19 de agosto); Pindamonhangaba (20 de agosto); Taubaté (21 de agosto), onde se incorpora, à comitiva, a Guarda de Honra; Jacareí (2 de agosto); Mogi das Cruzes (23 de agosto); Penha (24 de agosto) e São Paulo (25 de agosto). Nesse mesmo ano, viajou, pelo Caminho 4, o cientista Saint Hilaire, cujo relato de viagem nos deixou na obra citada na bibliografia. Retrataram aspectos dos Caminhos 1, 2, 3 e 4 os pintores Debret e Rugendas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Caminhos 4 e 1, de 1778 a 1873, quase um século, estreitaram as relações entre São Paulo, Minas Gerais e o sul do Brasil, região produtora de muare que movimentavam as fazendas de café e o transporte do seu produto do vale do Paraíba para os portos de mar. Assim, do Rio para São Paulo desciam sal, ferro e outros produtos importados e, de São Paulo e ao longo do Caminho 4, subiam bovinos, tropas de mulas, toucinho, fumo, açúcar e café.

Nesse período, intensificou-se, ao longo desses caminhos, caravanas de viajantes, tropas de mulas e bovinos em filas indianas e, ao longo dele, roças, povoados nascentes e ramadas destinadas ao pouso de viajantes, construídas com tetos de palmeira ou sapé, apoiadas em altos esteios e próximas de vendas para atender a necessidades e pasto para as tropas de cavalos, mulas e bovinos. Dentre elas, destacou-se o pouso Rancho Grande, em Bananal, coberto de telhas e

fechado nas laterais. Esses pousos abrigavam a todos democraticamente, sem distinção de cor, raça e posição social.

O gado *vacum* que por ele passava fazia-o com prejuízos ao mais confortável trânsito de viajantes a cavalo e de tropas de comércio de muare. O gado bovino de corte proveniente do Campo Alegre (Resende atual) desfrutava de bom conceito no Rio, por ser engordado com o pasto capetinga, que crescia nas orlas das matas da região.

Assim, concluímos esta abordagem para demonstrar a importância estratégica crescente sob os ângulos político, social, econômico e militar dos caminhos 1, 2, 3 e 4 para o devassamento, povoamento e integração do Vale do Alto e Médio Paraíba ao restante do Brasil. Ainda hoje são eles os mais importantes eixos, com suas variantes, para a integração terrestre no *Quadrilátero do Poder Nacional*, atualmente com seus vértices em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Brasília.



FONTES CONSULTADAS E INDICADAS PARA APROFUNDAMENTOS

- ALMEIDA, Aluízio. *Vida e morte do tropeiro*. São Paulo: Ed. Martins, 1971.
- BENTO, Cláudio Moreira. *A Guerra de Restauração do Rio Grande do Sul 1774-76*. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1997.
- . *História da 3ª Região Militar, 1808-1953 e Antecedentes*. Porto Alegre: SENAI, 1996, v. 1.
- . *O Vale do Paraíba na História Militar do Brasil*. Volta Redonda: Gazetilha, 1996 (Contribuição ao XIII Simpósio de História do Vale do Paraíba do IEV, em Resende, Itatiaia).
- . *Os Puris de Vale do Paraíba paulista e fluminense. Anais do XII Simpósio de História do Vale do Paraíba — Migrações no Vale do Paraíba*. São José dos Campos: UNIVAP, 1994.
- . *A Saga da Santa Casa de Misericórdia de Resende (1835-1992)*. Rio de Janeiro: SENAI, 1992.
- . *A participação militar de São Paulo e Paraná da Guerra de Restauração do Rio Grande do Sul, 1774-78*, Boletim do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Paraná. 1978, pp. 75-104.
- . *A contribuição paulista ao combate a Revolta na Armada e a Guerra Civil, 1893-95*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. 1995, pp. 59-82.
- . *A Revolução Paulista de 1932. Operações militares nas diversas frentes*. A Defesa Nacional, nº 760, 1993 — Conferência em Cruzeiro-SP no 60º aniversário dessa revolução por solicitação do IEV.
- . *Real Feitoria do Linho-cânhamo do Rincão do Canguçu, 1783-89*. Localização Canguçu: Academia Canguçuense de História e Prefeitura Municipal, 1992.
- CEZAR, Guilhermino. *História do RGS — Período colonial*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1970.
- DONATO, Hernani. *Dicionário das batalhas brasileiras*. São Paulo: IBRASA, 1987. (Aborda combates ocorridos ao longo dos caminhos escudados.)
- ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO, *História do Exército Brasileiro*. Rio de Janeiro: Sergraf IBGE, 1972, v. 1.
- FONSECA, Pedro Ari. *Tropeiro de Mula*. Passo Fundo: Gráfica Correio da Manhã, 1985.
- FORTES, João Borges. *Rio Grande de São Pedro*. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1930.
- LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O homem e a serra*. Rio de Janeiro: IBGE, 1950 (Focaliza caminhos de penetração no vale do Paraíba).
- LIMA JUNIOR, Augusto. *A Capitania de Minas Gerais, Origens e Formação*. Belo Horizonte: CEC, 1965.
- PIZARRO, Monsenhor. *Memórias Históricas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imp. Nacional, 1946, v. 9.
- PONDÉ, F. de P. Azevedo. Porto da Estrela. *RIHGB*, v. 293, out/dez 1971, p. 35-93 (Separata).
- POVOAS, Lenine. *História Geral de Mato Grosso*. Cuiabá: Ed. Resenha, 1995, v. 1.
- RAMOS, Agostinho. *Pequena História de Bananal*. São Paulo: CEACH, 1978. [Interessa Cap. II, Caminho Novo, sesmarias estradas e caminhos e do Caminho Novo (Caminho 4) a Via Dutra].
- REIS, Paulo Pereira dos. *O caminho novo da Piedade no Nordeste da Capitania de São Paulo*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1971. (Estuda com profundidade as fontes ligadas à abertura do Caminho 4).
- SAINT HILAIRE, Augusto. *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a São Paulo e Minas Gerais, 1822*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1932.
- SOUTO, Reinaldo Maia. *São José do Barreto. Resende, s/d*. (Menciona Via Cesarea o Caminho 4).
- SOMBRA, Severino. *Carta Monetária do Brasil Colonial*. Vassouras: Universidade Severino Sombra, 1992.
- TAUNAY, Affonso d'Éscrangolle. *História das bandeiras paulistas*. São Paulo: Melhoramentos, 1951.
- WHATELY, Maria Celina. *O café em Resende no século XIX*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.